SBP de PA
Sociedade BRASILEIRA de Psicanálise de Porto Alegre

Jornal da Brasileira

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre V. 25, nº2 dezembro de 2022

NÃO ESQUECEREMOS

Editorial

Um tempo para lembrar

Vivemos um trauma social com a pandemia do Coronavírus. Nossas vidas mudaram, o isolamento passou a ser a regra, adaptaram-se os trabalhos e as escolas, morreram milhões de pessoas no mundo pela doença.

A OMS não decretou o fim da pandemia, mas já mudamos novamente. Voltamos a encontrar os amigos, a frequentar os espaços públicos; as máscaras, antes comuns, passaram a ser raras. Os mortos voltaram a ser homenageados com os rituais habituais.

O espaço de elaboração das perdas vividas durante o período de pandemia foi brutalmente diminuído e bombardeado por excessos. Não se podiam velar os entes queridos, não houve tempo para chorar diante de tanto medo. Aos poucos, se vão reconstruindo as narrativas, as histórias de quem ficou e de quem se foi, para que se possa pensar melhor quem virá.

Nossa intenção com essa edição é propiciar reflexões sobre as intensas vivências que sofremos. Convidamos profissionais de várias áreas, para trazerem seu conhecimento e suas experiências no sentido de historicizar e construir narrativas que nos permitam elaborar juntos este processo doloroso de perdas que, inevitavelmente, todos nós vivenciamos.

Gisele Sperb nos apresenta o *Sr. Nabuco,* pintura gentilmente cedida para a capa e seu relato de produção artística, **O que eu fiz quando nada podia fazer**. Gisele articula o cuidado, o luto, suas reflexões e sua arte de maneira delicada e generosa.

Em **Tempos sombrios,** Augusta Gerchmann e Cesar Augusto Antunes chamam atenção para a pulsão de morte que habita o coração do homem, já diagnosticada por Freud. Convidam à conversa, ao debate, à reflexão e à busca de conceitos que "não sejam necessariamente os mesmos, mas que sejam iguais em suas diferenças".

Eduardo de Oliveira Fernandes apresenta a visão sensível e intensa do médico e professor que se compromete nas trincheiras da dor e da morte no texto **Ne m'oublie pas**.

Catharina Conte escreve transitando entre a distopia e a pandemia, entre as perdas e a esperança, entre a prosa e a poesia: "já que estamos aqui, eu adoraria que você me tirasse para **esperançar**".

Marco Aurélio Albuquerque aponta para a passagem do tempo e para a reativação de medos primitivos e ansiedades persecutórias geradas pela pandemia, além do trauma pessoal e coletivo no texto **A vida no mundo pós-pandemia**.

Alexandre da Silva Borges apresenta **Eufemismo e intimação histórica: notas sobre enfrentamento pandêmico**, em que traça um panorama de contextualização socio-histórica brasileira atual.

Em **Não sei, só sei que foi assim,** Roséli Klafke Silveira, como professora da educação básica, relata suas agruras enfrentando o não saber, o *on-line*, as novas formas de comunicação com pais e alunos. Inúmeras marcas e dores para repensar.

Geração álcool gel é o texto de Carolina Freitas e Fabiana Brito Grass que pensam sobre a travessia do traumático nas nossas crianças e

Jornal da Brasileira

EXPEDIENTE

Editora:
Sandra Gehling Bertoldi
Conselho Editorial:
Fátima Fedrizzi
Julio Sperb
Assistente Editorial:
Loraine Luz
Revisão de português:
Débora Jael Rodrigues
Diagramação:
Marcelo Teixeira
Capa:
Micaela Feijó Wünsch
Imagem de capa: O vendedor de sonhos, 2021 (Retrato de Nabuco) (Acrílica sobre papel de algodão, 30 x 21 cm) ***Artista:*** Gisele Sperb

Secretária:
Daniela Bonn

DIRETORIA

Presidente:
Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Vice-presidente:
Cesar Antunes
Diretoria Administrativa:
Augusta Gerchmann
Tesoureiro:
Rodrigo Boettcher
Diretora Científica:
Cibele Formel Couto
Diretora de Comunicação:
Sandra Gehling Bertoldi
Diretora de Divulgação:
Heloisa Zimmermann
Diretora de Comunidade e Cultura:
Vera Hartmann
Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico:
Rosa A. Avritchir

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:
Laura Ward da Rosa
Secretária:
Lísia Leite
Coordenador da Comissão de Formação:
Lores Pedro Meller
Coordenadora da Comissão de Seminários:
Christiane Paixão
Coordenadora da Comissão de Formação Integrada em Psicanálise da Infância e da Adolescência:
Aline Pinto

DIRETORIA DA AMI

Presidente:
Ian Favero Nathasje
Vice-Presidente:
Julio Sperb
Secretária:
Cristiane Felix Schlindwein
Tesoureira:
Karla Aquino
Conselheiro Egresso:
Renata Manica
Conselheiro MI:
Giuliana Chiapin

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992.
Praça Dr. Maurício Cardoso, 07
CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857
www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

adolescentes, enlaçada de poesia e afetos. O virtual pode dar conta ou tem seus limites? questionam as autoras.

Um *enactment* entre asiáticos e europeus com o bósforo no meio apresenta a experiência traumática da análise. Entre experiência estética, arte e vida, Camila Reinert amplia-nos as possibilidades simbólicas.

Morgana Tarragó contribui com **A formação de um psicanalista: (entre) tempos, entre-tantos e entre si mesmo**, salientando a importância da vida no enriquecimento do analista, para além do tripé de formação (análise pessoal, estudo teórico e supervisão).

Em **Crônica da Mia**, Celso Gutfreind escreve a resenha de um belo livro infantil, fruto do trabalho de professores que estimulam as crianças a contar e ilustrar as suas histórias.

É com prazer que o Jornal apresenta ainda suas notícias de ingressos e mudanças.

Excelente leitura a todos.

Sandra Gehling Bertoldi
Editora e Diretora de Comunicação

Artigos

O que eu fiz quando nada podia fazer

Gisele Sperb
Artista visual com graduação em Artes Visuais Bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Em 1975, aos 12 anos de idade, entendi que precisava cuidar – cuidar da minha mãe enlutada, cuidar dos meus irmãos enlutados – cuidar, pensava eu que era o que fazia. Eu era a caçula, esqueci que eu também estava de luto. Meu pai se foi em um acidente de automóvel dias após eu ter sido insolente com ele. Cresci assim, nesse contexto familiar, eu pensava que, sendo cuidadosa, ninguém mais iria embora e eu estaria segura. Muitos anos depois, em um processo psicoterápico, entendi que não era bem assim; surgiram os meus desejos, fiz reflexões e então novas escolhas, foi quando renasci – já era 2015.

Nessa nova vida, mudei de cidade em 2019 e, poucos meses depois, a minha nova vida foi estremecida, pois veio a pandemia. Novas rotinas impostas, sou grupo de risco: "fique em casa". Aos poucos, fui mudando o meu juízo sobre o mundo digital, que passou a ser o fio condutor do meu afeto. Falava diariamente, ainda falo, com a minha mãe que tinha, então, 91 anos. Sentia muita falta de abraçá-la, de senti-la. Construí uma nova rotina, ouvia o noticiário trazendo números de morte a todo instante, pessoas do mundo todo, pessoas desconhecidas e pessoas conhecidas estavam sendo levadas pela pandemia. A ânsia pela vacina, as decisões equivocadas do governo, o desespero. Vi diariamente a dor e o desespero estampado nos rostos, e um destes era o meu, perdi um familiar.

Sentia-me de mãos amarradas sendo do grupo de risco. O que eu poderia fazer para ter e levar um pouco de esperança às pessoas? Ajudava alguns grupos com doações, mas percebi que eu poderia me doar por meio da arte. Entrei em um grupo de Facebook da minha cidade natal, na qual vivi até os 25 anos de idade. Nesse grupo, frequentemente, postavam fotos de pessoas que fizeram parte da minha infância e que já não viviam mais, pessoas que exerciam seus ofícios pelas ruas; destas, uma fora levada pela pandemia.

Dentre essas fotografias, o Sr. Nabuco, o vendedor de sonhos, a versão brasileira do doce alemão Berliner. Além de vender sonhos, Nabuco anunciava com seu megafone as notícias da cidade, a programação do cinema e a partida dos seus conterrâneos. Ia de esquina em esquina chamando a população para a despedida de alguém. Sim, falo da morte, mas não parecia assustadora anunciada por ele, talvez pela doçura e respeito com que exercia o seu ofício. Olhando aquela imagem atentamente, fui remetida a um tempo distante, parecia um sonho. Decidi pintá-lo.

Sobre a pintura, minhas escolhas são atreladas as minhas vivências através de memórias, fantasias ou acontecimentos contemporâneos, ora são denúncias, ora são compartilhamento de memórias distantes; mas vivas em mim e na comunidade onde nasci. Encruzilhada do Sul, uma pequena cidade de aproximadamente 25 mil habitantes. A meu ver, suas ruas tinham almas, e são estas que me interessaram à criação de uma série de retratos. *O vendedor de Sonhos* foi o primeiro retrato desta série que

denominei *Almas das Ruas*. Postei a pintura no grupo do Facebook chamado *Memória Encruzilhadense*, e logo familiares e amigos de muitas outras personalidades carismáticas da minha cidade me enviaram fotografias e relatos carregados de afeto. Percebi que as minhas memórias estavam vivas em toda a comunidade. Compreendi, assim, que não se tratava apenas de uma série de pinturas, mas de um processo contínuo advindo de uma comunidade sedenta por esperança e que ansiava para compartilhar suas histórias vividas junto a essas pessoas que partiram, e que agora ficariam eternizadas também por meio da arte.

Após essa experiência durante a pandemia, senti que precisava compartilhar mais de mim, me entreguei por completo ao meu último trabalho, falei de dentro, do íntimo, por intermédio de retratos e de uma proposta sensitiva, que foi uma releitura de um trabalho realizado em parceria com os artistas Bea Barbosa, Carolina Tenotti e Flávio Costa em 2018 e que se tornou um trabalho distinto: "Sem título, 2022" dialogou com o dentro, ganhou outro sentido.

Nessa proposta sensitiva, eu quis provocar sensações distintas nos observadores através da intersecção de som e imagem, especialmente após a pandemia, período que penso que fomos "metamorfoseados". Sons que remetiam à alegria, ao medo e a possíveis traumas intercalados, como em um sonho. Essa mescla de tempos e vivências desordenadas fazia parecer que passado, presente e futuro são uma coisa só; o que poderia gerar um desconforto, talvez por fazer com que o observador identificasse suas próprias vivências ao fruir a obra.

A pandemia foi, assim, o princípio direcionador na minha rede de criação, num tempo em que ansiávamos por esperança; a arte foi meu lugar de entrega e imersão, processo esse que não cessa, de olhos cerrados ou abertos, existe um mundo dentro e fora de nós esperando para ser compartilhado.

Tempos sombrios

Augusta Gerchmann
Psicóloga, Membro Titular em Função Didática pela SBPdePA

Cesar Augusto Antunes
Médico Psiquiatra, Membro Titular em Função Didática pela SBPdePA

Existem períodos que marcam a história e as pessoas. Recentemente, atravessamos uma destas situações que alteram os rumos da sociedade e transformam as relações humanas. Perdemos amigos, familiares, conhecidos e alguns hábitos sociais. Gostaríamos de pensar e informar que esses momentos recentes passaram, que o distanciamento social, a angústia e o medo ficaram para trás e prenúncios de tempos amenos se apresentam juntos com a primavera.

Quando formamos nossa diretoria, estávamos em pleno isolamento provocado por uma pandemia; trabalhávamos, prioritariamente, em modalidade *on-line*. Essa foi a forma possível naquela circunstância. Adaptando-nos aos novos tempos, foi possível dar continuidade a nossa tarefa de difundir a psicanálise e encontrar a inventividade necessária para novas formas de trabalho psicanalítico e de divulgação de nossa sociedade.

Parece que esse momento vem gradualmente tornando-se passado, mas as perdas manterão seus rastros por tempo incerto deixando como herança possibilidades de comunicação que nem imaginamos; abriram-se novos caminhos cruzando continentes em intercâmbios científicos e culturais, apesar de jamais substituir o encontro físico que possibilita efetivamente um abraço em quem estamos saudosos.

Ainda não podemos dizer que o vírus desapareceu e que não corremos mais riscos. Tanto a OMS quanto a IPA recomendam que devemos seguir trabalhando de forma remota, preservando o direito daqueles que iniciaram suas análises durante o período de isolamento social. Sugere que a formação analítica possa seguir o que intitularam *Modelo shuttle*, com encontros presenciais ou *on-line*, de acordo com a situação vigente no país, ou os períodos de agravamento ou diminuição da pandemia.

Descobrimos vacinas contra o vírus e, apesar de alguma oposição contra o ato fraterno de se vacinar, prevaleceu o bom senso. Estamos nos distanciando de mais uma pandemia na história da humanidade, *A Peste* tão bem descrita no romance de Camus.

Era isto que gostaríamos de dizer, mas não.

Habita no coração do homem ou, para sermos psicanalistas, no psiquismo profundo, um vírus que é tão ou mais letal que a covid. Freud chamou essa descoberta de pulsão de destruição ou de morte. Um germe altamente contagioso, capaz de transformar amor em ódio, de destruir sinfonias e poesias e gerar inimigos onde antes existia música e fraternidade. Escrevemos sob este segundo impacto; a percepção de uma forma de comportamento que acreditávamos estar imunizados, vacinados e curados deste mal há 70 anos. O fascismo.

Mas o que se pode fazer com um tipo de pensamento hegemônico, autoritário, que parece remeter ao comportamento diagnosticado por Freud em *Totem e Tabu*, com fé na existência de um pai da horda primitiva que saberia conduzir a todos no rumo da vida plena?

A grande civilização grega da vida na pólis criou o conceito de democracia, que no dizer de Churchill "é a pior forma de governo com exceção de todas as outras" e ainda hoje talvez seja o único remédio contra o fascismo.

Mas isso não é tarefa só de diretoria, é tarefa de toda a sociedade, principalmente, de sociedades psicanalíticas, de cada membro destas Instituições, de cada ato que conduzam a ações específicas e a novas ações psíquicas, afastando-nos de atos de descargas ou de formações reativas.

Assim, expressamos um convite a conversarmos, debatermos, refletirmos e, principalmente, buscarmos conceitos ou pontos de vista que não sejam necessariamente os mesmos, mas que sejam iguais em suas diferenças.

Ne m'oublie pas

Eduardo de Oliveira Fernandes

Médico (UFPel), Internista (UFRGS) e Intensivista (AMIB), Supervisor do Programa de Residência Médica em Clínica Médica do Grupo Hospitalar Conceição, Doutor em Medicina – Ciências Pneumológicas (UFRGS), Fellow – American College of Physician

No exato momento em que essa expressão me veio à mente, soube que não poderia. Como coordeno um programa de residência médica em um grande hospital público, a expectativa é de que diga algumas palavras. Na minha frente estão mais de vinte jovens médicos formandos, acompanhados de alguns de seus preceptores. Todos mascarados e distanciados. Apesar dos meus receios, todos vivos. Ansiosos por este modesto ritual – já que foram privados de todos. No início, pensaram em abandonar tudo e fugir para um lugar seguro. Depois de algum tempo, eram voluntários para ir ao Norte do Brasil onde a crise era mais grave. Alguns se emocionam e o silêncio se prolonga. Eu não conseguiria falar o que tinha a dizer.

Houve visões diferentes de como enfrentar a pandemia da covid-19. Assistimos a quem menosprezou as recomendações sanitárias, de forma a enfrentar seus medos avassaladores, travestindo a ignorância de coragem. Seguindo-as, por vezes perplexos, com as rápidas modificações. Afinal, verificamos em tempo incrivelmente acelerado, a evolução do conhecimento científico, que não é linear e lógico como muitas vezes acreditamos. É o combate entre proposições prévias e novas, prevalecendo as evidências. Agora em poucas semanas e não em vários anos como é habitual. Compreensível a perplexidade. Ainda hoje ouço: "ué, mas ovo não fazia mal"?

Como sempre, o curandeirismo das soluções mágicas deu as caras. Prescrição de medicações de escassa comprovação científica – aceitável por um tempo em circunstância excepcional –, mas inaceitável a persistência após abundante evidência em contrário. Por vieses cognitivos em grande parte. Sabemos do conforto intelectual que sentimos ao chegarmos ao diagnóstico e ao tratamento. Abandoná-lo significa mergulhar de novo no vácuo da incerteza. Do ponto de vista de valor real, o "fazer" é equivalente ao "não fazer", desde que fruto de reflexão. Do ponto de vista do valor imaginário, o "fazer" vale muito mais.

O "não fazer", o "não prescrever", o "não reanimar" são extenuantes. Como explicar para um paciente em consulta remota – tarde da noite, após um dia de trabalho que nunca termina – que vamos

retirar medicamentos que, não só não ajudam, mas prejudicam, sem dar-lhe muitas alternativas em troca? Não é impossível, asseguro que não, mas não é fácil. Profissionalismo é fazer o certo quando ninguém está olhando. Superego, não?

O que vi, no meu exercício em consultório, hospital privado, hospital público e na formação de jovens médicos, foi predominantemente resiliência, competência e acolhimento. Muitos médicos e enfermeiros adoeceram psiquicamente. Mesmo veteranos de doenças e de mortes, necessitavam apoio emocional dos colegas exaustos que duplicavam ou triplicavam o trabalho.

Quando encaminhei meu primeiro paciente do consultório à internação e ele foi imediatamente recebido, outros não tiveram tanta sorte. Tive vários pacientes em CTIs improvisadas: dezenas de pacientes em ventilação mecânica – muitos em posição prona. O silêncio só era quebrado pelo ruído dos respiradores e alarmes. Minha interação com os colegas – vários não eram intensivistas –, com enfermeiras, fisioterapeutas foi de absoluto respeito e cooperação.

Quando meu primeiro colega e amigo adoeceu gravemente, conseguimos abrir mais um leito crítico, até então inexistente, e ele seguiu cooperando sempre. A par do tratamento intensivo, falávamos da iminente inversão da atividade inflamatória que, infelizmente, para ele não veio.

Quando não havia em nenhum lugar material suficiente de proteção, as pessoas confeccionavam em casa máscaras de tecido e escudos de proteção.

Quando uma jovem e brilhante colega me disse: "Sim. Estou cansada, mas me sinto privilegiada por poder participar de tudo isso".

Quando agora, pacientes e suas famílias enfrentam as consequências físicas e emocionais da covid longa.

Agora, com o advento das vacinas e de mutações menos fatais, nos encaminhamos paulatinamente para uma existência menos restrita. Com isso, a memória vai apagando os medos, os rostos e amenizando a dor das perdas.

Seguidamente me pedem para contar sobre as experiências do período crítico. Não é difícil, estive dos dois lados. Continuo estando, estar no *front* cobra um preço, fui três vezes contaminado. Contar e ouvir histórias ajuda no processo de cura, especialmente daqueles que não tinham tempo de parar para pensar, nem oportunidade para fazer os necessários rituais de morte. Em uma dessas ocasiões ouvi a maravilhosa irreverência: "professor, naquele dia tu teve um *burnout*, né"?

Não devemos esquecer jamais. Seríamos menos humanos se permitíssemos o naufrágio desta experiência no oceano do esquecimento.

Ne m'oublie pas era o compromisso do último soldado francês da primeira guerra, Lazare Ponticelli, para com seus companheiros, todos já desaparecidos, até sua morte em 2008. Durante os bombardeios, afundados na trincheira com lama e ratos, combinaram em sobreviver no outro: se eu morrer, não me esqueça.

Não esqueceremos.

Esperançar

Catharina Conte

Atriz, diretora e criadora de conteúdo

"Já percebeu que a cada ano que passa, ficamos cada vez mais descrentes?" – eu perguntei para ela. Ela, uma mulher bonita de vermelho, assente com a cabeça com um olhar conformado e empático: "É...".

Isso foi em 2014, na época em que fazia a peça *Como sobreviver ao fim do mundo*, meu trabalho de conclusão na faculdade de Teatro dirigida por Kevin Brezolin. Um trabalho que refletiu para mim a elaboração de um processo de crescimento. A personagem esperava o fim do mundo enquanto eu esperava a hora de me sentir adulta, com grandes culpas, expectativas e exigências aos 23 anos. "Eu espero algo emocionante acontecer o tempo todo!", eu gritava no início.

Eu e Kevin ensaiávamos várias vezes na semana, e foi na sala de ensaio que surgiu o conceito de finitude. E não foi à toa que essa foi a lente escolhida para a encenação. Nosso imaginário sempre foi obcecado com a ideia de futuros distópicos e finais de mundo. Black Mirror, Planeta dos Macacos, Melancolia, Fim dos Tempos, Teorema Zero entre outros filmes de ficção científica alimentaram a fixação pelo apocalipse. A ainda discreta, mas precisa ascensão da direita ocorria no mundo enquanto, no Brasil, a tensão entre Aécio e Dilma explicitava o embate entre duas forças irremediáveis, duas visões de mundo que se chocavam, dando a todos uma sensação de plano aberto em filme de guerra – aquele momento em que dois exércitos se encaram. Algo de desesperança nascia e empestava o ambiente.

Em 2014, eu sonhava com o fim do mundo como uma forma de redenção, de renascimento. Eu buscava um crescimento por meio de uma hecatombe particular. Era poético e bonito pensar assim. Em 2020, a pandemia se instaura. Tudo o que foi sonhado até então, agora, desafiado. Os planos, dos mais simples aos mais sofisticados, frustrados.

Frustração em multidão dói menos?

Não é como se pudéssemos escolher. Muitos de nós nos trancamos em casa, isolamos do mundo, e o fizemos por temor de perder quem amávamos. E foi como se o fim de mundo que tanto falávamos, discutíamos, víamos através da esfera da imaginação e do fetiche, finalmente se apresentasse. Aquele momento em que não se vê além da neblina, e se anda com medo em direção ao futuro. Era como se já soubéssemos que em algum nível – ecológico, econômico, social, financeiro, emocional: em algum momento, algo ia estourar.

Quando tive a consciência da gravidade da pandemia, eu, que estava longe de casa, corri para voltar, porque é isso que você faz quando o fim de mundo está iminente. Você volta.

Chegar em casa, ver minha mãe depois de meses e não poder cair no seu colo. Perder o meu irmão e não poder acolher meu pai no meu abraço. Aprender a passar os dias em casa, ver o tempo dilatar e gente morrer. Conhecer novas partes de si todos os dias. Nunca antes conversar TANTO consigo mesma. E de alguma forma, se acostumar.

"Um dia voltaremos ao normal. O sol há de brilhar outra vez, o samba tem que continuar." – eu pensava, deitada na minha cama.

No convívio íntimo comigo mesma, passei a assistir melhor o *show* que é essa coisa de ser várias. O fim do mundo fez surgir versões mais desesperançosas de nós, que estavam ali o tempo todo – antes quietas, observando-nos do canto do quarto escuro, esperando a sua hora.

E um dia, tudo voltou.

Os compromissos, as demandas, os bares, os amigos, as oportunidades, as reuniões, as necessidades, o ritmo, a urgência, a velocidade, o ruído, o agora para ontem.

E sair de casa agora é encarar um leve frio na barriga. – Ué, isso é novo.

É.

Porque agora, não estou sozinha. Eu sou o resultado dos últimos anos. Eu estou acompanhada de tudo que vivi em isolamento. Faz parte de mim essa camada acolhedora, mas pesada, que se acoplou aqui. Mais medrosa. Mais receosa. A versão que nasce quando a gente sobrevive tem receios novos.

O mundo voltou, diferente e igual, porque agora já olhamos para trás, já encaramos o abismo, já conhecemos a sensação de fim, mesmo ainda estando aqui. A gente se acostuma a conviver com o nosso novo eu que sobreviveu.

Saber voltar para o palco depois de uma queda é o que os melhores atores fazem com maestria. E agora, em cena e no meio da arena, sob a expectativa do mundo e de si: quem somos nós agora? Como continuar e vencer a desesperança e sensação de tempo perdido? Como sonhar depois de presenciar o negacionismo, a incompetência, o descaso e a violência? A indústria da desinformação, o movimento antivacina e o questionamento da ciência.

Como seguir depois de tanto ver o mundo falhar em nos proteger?

No isolamento, aprendemos sobre nós mesmos e sobre a sombra do mundo. Aprendemos a sobreviver à morte.

Em 2014, eu achava que quando o mundo acabava, a gente acabava com ele. Agora, entre a que eu fui e que sou, eu quero é vencer a vida. Confesso, às vezes dá uma saudade do mundo como era antes. Às vezes o mundo me parece muito, e eu sinto que a mulher que eu quero ser ainda me espera. Eu sinto meu tempo.

Cada ano que passa, mais me desesperanço; no entanto, menos me desespero porque sei que a esperança não é algo que nasce sozinho. Esperança é ritmo que se encontra junto.

Eu não sei quando o mundo vai acabar de novo. Eu só não quero mais esperar ele acabar a todo tempo.

Eu sei que você também não dança há um tempo, mas já que aqui estamos, eu adoraria que você me tirasse para esperançar.

A vida no mundo pós-pandemia

Marco Aurélio Albuquerque

Médico, psiquiatra e psicanalista; psiquiatra do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), Professor Convidado das Residências de Medicina de Família e Comunidade e de psiquiatria do Hospital Nossa Senhora da Conceição; Membro Efetivo e Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, da FEBRAPSI e Membro Associado da International Psychoanalytical Association (IPA)

Temos o hábito de classificar coisas entre um antes e um depois, e isso nos dá a sensação de ter algum controle sobre o tempo. Falamos em tempo ganho, tempo perdido (a busca dele rendeu a Proust sete volumes de um romance enorme), com frequência lamentamos o tempo desperdiçado. E, no entanto, o tempo não vem em pedaços; é um fluxo contínuo fatiado pelo conhecimento humano para poder melhor aproveitá-lo. Até acreditamos que ele passa diferentemente em diferentes culturas, dizemos que umas são mais lentas, outras mais aceleradas. Porém, não é ele que passa, nós é que passamos por ele e, nessa passagem inevitável antes da queda final, vamos nos agarrando a essas reentrâncias que chamamos horas, dias ou meses, para termos a sensação de ter um pouco de segurança ou controle sobre a vida que se nos escapa.

Grandes eventos têm um poder divisório diferenciado, de marcar o antes e o depois. A interpretação dos sonhos em 1900, a gripe espanhola de 1918, a quebra da bolsa em 1929, a queda do muro de Berlim, a queda das torres gêmeas em NY. Eventos que mudaram vidas, mas também mudaram a perspectiva de como compreendemos e sentimos o mundo depois do acontecido. Tudo seguiu igual e, no entanto, tudo ficou diferente.

E, então, tudo parecia calmo de novo, até que veio o coronavírus e seus milhões de mortos e sequelados, para desafiar a fantasia de onipotência que nos é tão natural. A pandemia foi um divisor de águas na história moderna, reativou medos primitivos e ansiedades persecutórias variadas. No último século, não tínhamos tido nada parecido, portanto não havia parâmetros recentes para comparar o acontecido com outros eventos semelhantes, nem representação mental para o que aconteceu. Foi um trauma pessoal e coletivo de dimensões inéditas, no mundo externo e no interno.

Ainda não elaboramos tudo que aconteceu ou suas consequências: isolamento social, máscaras, UTIs lotadas, economias pessoais ou nacionais ruindo, parentes e amigos morrendo, vacinas criadas em tempo recorde, competindo com falsos medicamentos, sequelas de longo prazo da covid, nem todas conhecidas. O quebra-cabeças está se montando aos poucos, mas ainda falta muito. Algumas peças já estão em seus lugares, como os cientistas, os negacionistas, os governantes sérios e os inconsequentes, os médicos que salvaram vidas e os que lucraram com o medo alheio, prometendo falsas curas.

Se o cenário de fundo já é conhecido, ainda assim a figura não está toda montada. O mundo pós-pandemia é um mundo novo, do qual muito pouco se conhece. Entre o pouco que já se sabe, está o aumento de doenças mentais e sofrimento psíquico, através do crescimento das diferentes formas de ansiedade, de depressão, de eventos psicossomáticos. A técnica psicanalítica foi impactada pela necessidade do isolamento social, o divã ou a poltrona saíram de cena e entraram as plataformas *on-line,* Zoom, Google Meet, que passaram a ser necessidades nunca sentidas antes.

De repente, pacientes e terapeutas tinham o mesmo inimigo comum, a mesma perplexidade e a necessidade de se cuidarem, o mesmo risco de morrer. Recursos digitais tiveram que ser aprendidos, contratos de tratamento foram refeitos, a transferência e a contratransferência ganharam novos contornos, mediados por uma tela e pela velocidade do provedor de internet, essa outra qualidade de conexão que passou a depender de terceiros.

Agora nos toca viver nesse mundo pós-pandemia, igual e diferente ao mesmo tempo, para o que precisaremos cada vez mais seguir contando uns com os outros, ao invés de nos lançarmos uns contra os outros. A pandemia provou que não fará isso por nós; ao contrário do que alguns esperavam, ela não nos tornou pessoas melhores, nem de melhor convivência com os demais. Como era de se esperar, o primitivismo aflorou.

A vida não era simples nem fácil antes da pandemia, também não será agora. Precisaremos continuar o esforço cotidiano de aprender sobre nós e sobre os outros, tolerar a frustração do não saber e de não ter o controle, renunciar às verdades tranquilizadoras, mas falsas. Sejamos todos bem-vindos ao mundo das capacidades negativas, das incertezas e das dúvidas. Vamos aprender a viver com elas, até que chegue a próxima pandemia.

Eufemismo e intimação histórica: notas sobre enfrentamento pandêmico

Alexandre da Silva Borges

Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Universidade do Algarve (UAlg/Portugal). Docente do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Expresso meu agradecimento para a produção deste texto, justamente pela oportunidade de reflexão, com cunho crítico e instaurador, sobre o espaço/tempo pandêmico. Digo crítico e instaurador, dado o objetivo de fazer da vivência uma experiência, ao colocar em análise um percurso histórico recente e procurar nele os sentidos que, de certa forma, afetaram e afetam nossa consciência, endossando, também, as imagens das faces da morte, dimensionadas em nosso inconsciente. Ainda, cabe dizer que essa reflexão está balizada pelo tempo/espaço que compreende o final do ano de 2019 até a atualidade – já que ainda há mortes causadas pelo coronavírus – no Brasil, d'onde falamos e somos afetados por tais intimações, biológicas *a priori* e, quando há tempo, consequentemente, psicológicas.

Da observação do panorama que nos debruçamos, emergem sensações múltiplas que condensam, em si mesmas, uma aura de impotência – que, por breve lógica nietzscheana, está no oposto desejo da espécie humana, que almeja poder. A sensação de impotência, dado o bombardeio de imagens midiáticas resultantes do impacto virulento em nossa sociedade, resulta de uma atrofia em nossa capacidade de eufemizar a finitude. É como se nos fosse tolhido o escudo, a espada e a flâmula. E, além de nossos atributos heroicos, também fora imaculada a imaginação noturna, que faz o enfrentamento das angústias pela poesia, pela arte, pela recolha, pela transmutação dos sonhos, que abranda o destino. Será que não sucumbimos? Se por um lado cá estamos, discutindo as mazelas de uma hecatombe que surge a partir de uma minúscula partícula, por outro, sofremos um luto de quase 700 mil vidas perdidas.

Cumpre registrar a parcela de culpabilidade política/executiva, devido à tamanha negligência por parte do (des)governo de nosso país. No entanto, ainda assim, percebemos tratar-se, também, de uma luta a-histórica e dicotômica entre o sujeito e a finitude. Segundo o historiador romeno Mircea Eliade, nossa espécie carrega, tal como uma medalha, um prisma ancestral – talvez seja ele a capacidade de resistência, que se estampa no instinto de sobrevivência, na capacidade de simbolizar o real e no eufemismo.

O período pandêmico, de certa forma, nos fez olhar para si – talvez, mais que para o outro. O medo da morte, da perda de amigos e familiares, nos deu um lugar passivo frente a um vírus desconhecido e letal. Essa preocupação se alimentou da incerteza, da nebulosidade do futuro, da falta de suporte imaginativo, dada a incógnita dos dias vindouros. O antropólogo francês Gilbert Durand, ao se debruçar sobre o imaginário, tratou na imaginação enquanto função equilibradora psicossocial. O desiquilíbrio da função imaginante, tanto pela falta da imaginação quanto pelo seu excesso, elucida um sujeito incapaz de eufemizar o mundo, com a boa dose de senso no que diz respeito às intimações sociais, históricas, econômicas, políticas e culturais. Não imaginar, portanto, é estar doente, dada a impossibilidade de cosmoficar a vida.

Durante a travessia temorosa, tivemos a orientação de uma mídia que ia se ocupando das particularidades da doença, seus sintomas e suas sequelas, ao mesmo tempo que nós. Dado o acesso a artigos científicos,

fomos nos inteirando de maneira mais sensata e complexa. Porém, como as pesquisas eram muito recentes, seguíamos vendados em relação à progressão do vírus e nossa imunidade pós vacina, por exemplo. Nessa tragédia, diluímos nossas certezas, abrindo espaço para uma imaginação que driblasse a morte, mesmo que na observância diária de sua exitosa ceifa. E, assim como o *homo faber*, ante a necessidade de criação de utensílios para a continuidade da vida, desenvolvemos – pela demanda que se impôs – novas formas de (re)agir diante da natureza. Eis nossa sina enquanto espécie: o domínio da natureza, ação paradoxal, visto sua negativa, pois cada vez mais a consumimos.

A produção de ferramentas e meios que, em caráter prático, interferem positivamente para nossa sobrevivência enquanto grupo – e, neste caso, citamos as medidas protetivas, como o uso da máscara, a higienização com álcool em gel, a não aglomeração, a própria vacina: a ciência – e tal produção, reagente ao mundo que nos intima, parte de um ímpeto diurno e racional que busca pela lógica uma contrapartida às condições afetantes. Entretanto, trata-se de uma lógica sensível, que não está dissociada de uma imaginação fundante, noturna, enquanto princípio organizador.

Assim como exponho ser paradoxal nossa tarefa de domínio da natureza, de acordo com nossas ações que a ela consomem (como dominar aquilo que estamos a extinguir?), reflito sobre a inconsistência e superficialidade de uma razão que não imagina, que não devaneia e que não sonha. Embora a imaginação seja criadora – no caso pandêmico, criadora do suporte científico que possibilitou/possibilita o combate ao vírus, bem como aos meios de eufemizarmos do que ressoa desse processo –, é antes a "deformação" de imagens que, segundo os estudos de Gaston Bachelard, interfere nas cópias pragmáticas, advindas de nossa percepção. Ou seja, acessamos, continuamente, um reservatório de imagens presentes, passadas e futuras – o imaginário – deformando tais imagens ao prazer do sentido, limitados às balizas culturais d'onde estamos contextualizados. Mesmo assim, a imaginação é dinâmica e reformadora psíquica, colocando em metáfora viva toda a representação que temos da vida/morte.

Por fim, nessa odisseia que tarda em acabar, percebo o outro e a mim mesmo enquanto produto de uma ancestralidade que se coloca entre o *Homo Faber* e o *Homo Sapiens Sapiens*. Talvez, nesse limiar, devamos honrar um *Homo Symbolicus*, apaziguador da finitude, na criação de pontes de sentidos que acionam, no imaginário individual e coletivo, as imagens simbólicas capazes de nos fazer crer que, por estarmos vivos, vencemos.

Contudo e, portanto, lembremos das tarefas de Hércules, no segundo dos seus doze trabalhos: para matar a Hidra de Lerna, a qual possuía 9 cabeças que se regeneravam, Hércules tanto precisou de sua força heroica para administrar a degola, quanto do apoio de Iolau, o qual cicatrizava o corte com as brasas, impedindo a regeneração. Tratemos, então, da razão e da imaginação enquanto fios de uma mesma lâmina, que molda o sujeito histórico tanto pelas intimações do seu meio quanto pelo ímpeto do eufemismo.

"Não sei, só sei que foi assim"

Roséli Maria Klafke Silveira

Professora das disciplinas de Geografia e Sociologia do Ensino Médio na Escola Estadual de Educação Básica Borges de Medeiros e no Colégio Estadual Técnico Dr. Zeno Pereira Luz, em Encruzilhada do Sul, RS. Graduada em Geografia com Licenciatura Plena pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Amanheceu, e de repente percebemos algo, nossas vidas mudaram. Os pais foram avisados que os professores entrariam em férias no mês de março e que a escola reorganizaria o calendário escolar. Não se sabia ao certo o que estava acontecendo.

Fizemos reuniões *on-line* com a direção, a coordenação e colegas professores. Discutimos como poderíamos continuar com as atividades, afinal, daquele momento em diante, estas teriam de ser *on-line*. Pensamos também como poderíamos manter a comunicação com os pais e, principalmente, com os alunos.

O isolamento que nos foi exigido e o enfrentamento da pandemia causou muitos medos

e gerou inúmeras dúvidas – a sensação era de não estar em um lugar onde se deveria estar, e que jamais a tecnologia iria substituir o contato pessoal, a amorosidade e a empatia.

Tivemos que construir novas metodologias para interagir com os alunos. Noções gerais sobre aplicativos básicos, noções de gravações de vídeos etc. Adaptamos nossas casas como se fosse uma sala de aula (e, como sugestão, mudar o cenário para não tornar as aulas monótonas) para cumprir e promover o ensino remoto. Mudamos a rotina de todos que viviam em nossas casas.

Novas "janelas virtuais" foram abertas, entretanto, muitos alunos não tinham celular e dependiam do aparelho dos pais que trabalhavam durante o dia. Para contornar isso, passamos a gravar as aulas e enviá-las por WhatsApp ou pela plataforma de ensino para que os alunos pudessem assisti-los à noite.

Logo outro problema: constatamos que muitas famílias da comunidade não tinham acesso à internet. O trabalho triplicou: não bastava gravar vídeos e realizar atividades *on-line*, novas atividades que não estávamos acostumados a fazer, mas fez-se necessário que conteúdos e tarefas fossem impressos na escola e entregues às famílias; o que ocorria a cada quinze dias – a escola não poderia fechar. A equipe diretiva esteve sempre presente para atender a comunidade escolar, enfrentando a pandemia sem saber o que viria pela frente. Muitas vezes, as famílias (principalmente as dos alunos menores) iam até à escola garantir a merenda para seus filhos, porque a direção sabia que a merenda era a principal refeição do dia para essas crianças.

A pandemia nos mostrou um pouco de tudo: o descaso com as escolas públicas, a realidade das famílias, dos nossos alunos, a desvalorização dos professores, desigualdades de acesso às tecnologias, enfim, o caos na saúde emocional de todos.

Confesso que quando se aproximava o dia e hora das aulas *on-line*, a ansiedade tomava conta da minha mente, tínhamos que dar conta de tudo isso. Precisávamos sorrir para a tela do computador, mesmo tendo noites mal dormidas, familiares e amigos lutando para sobreviver à pandemia. Enxaquecas, dores corporais, crises de ansiedade começaram a fazer parte da rotina do Ensino a Distância.

Tenho esperança de que as marcas deixadas por tais experiências durante a pandemia nos deem a oportunidade de repensar o mundo educacional para as gerações futuras, visto que ele jamais será o mesmo.

Estou certa de que quando me perguntarem como foi passar por isso sem enlouquecer ou desistir, responderei com as palavras de Chicó: *"Não sei, só sei que foi assim".**

* SUASSUNA, A. Citação do personagem Chicó em O Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Livraria AGIR, 1975.

Geração Álcool Gel?

Carolina Freitas

Psicanalista, Membro do Instituto da SBPdePA

Fabiana Britto Grass

Psicanalista, Membro do Instituto da SBPdePA

Canção do dia de sempre
Tão bom viver dia a dia...
A vida assim, jamais cansa...
Viver tão só de momentos
Como estas nuvens no céu...
E só ganhar, toda a vida,
Inexperiência... esperança...
E a rosa louca dos ventos
Presa à copa do chapéu.

Nunca dês um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.
Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!
E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,
Atiro a rosa do sonho
Nas tuas mãos distraídas...

(Mário Quintana)

Nosso poeta gaúcho é sempre uma inspiração para iniciar uma nova escrita de como viver o dia a dia, com sonhos e esperanças vívidos. Assim, fazemos o convite para pensarmos a travessia do traumático nas nossas crianças e adolescentes, enlaçada de poesia e afeto. O que gera a ação nesta nova geração?

Tantos questionamentos diante dos impactos da pandemia na

análise de crianças e adolescentes, que meramente nos restam especulações clínicas para, pretensiosamente, compreender esses borrões que permearão o desenvolvimento infantojuvenil. Será que já poderíamos nomeá-los como geração – geradores de uma nova ação – das máscaras e do álcool gel? Ficarão as marcas do infantil tatuadas pela intrusão da pandemia? Acreditamos que já estão sendo desenhadas. Quais registros ficarão como marcas mnêmicas e representações para nossos futuros adultos? Que geração estará por vir? Ao longo deste atravessamento pandêmico, nossas crianças foram arremessadas para aulas *on-line*: a amputação do convívio com os colegas de forma presencial deu lugar ao virtual. Ainda, a restrição da presença com avós e familiares abriu espaço para a estreita convivência com os pais.

Assim, a metamorfose, como processo de mudança e crescimento, é vivenciada de forma solitária e afastada do espelhamento com o grupo: o *home office* e o *home schooling* formam a *vibe* do momento. Mas quais os impactos disso tudo na psique das nossas crianças e adolescentes? A rua, como espaço lúdico e transicional, tornou-se, de repente, ambiente perigoso, inseguro e insalubre; as máscaras e frascos de álcool gel entraram como os novos desinfetantes do vínculo social; o abraço cedeu espaço para o distanciamento e o isolamento se tornou a nova saída de sobrevivência.

De que maneira tudo isso vai rechear o emocional? Pensamentos e ritos obsessivos, medos, ansiedades, inseguranças, depressões, irritabilidade, sonhos pandêmicos, sentimentos de solidão, tristeza, maior dependência tecnológica e alimentar, atrasos na fala e na psicomotricidade, são apenas um recorte do que estamos vivenciando na travessia do traumático em nossos consultórios.

Mas estamos todos afetados e encharcados pelo momento pandêmico, como sinaliza a saudosa Janine Puget, em seu texto *Mundos superpostos*. Tanto analisandos quanto analistas foram atravessados pelo novo real. Resta-nos buscar, no nosso imaginário, alternativas para a nova "clínica virtual". Ao longo da trajetória, vamos aprendendo, nos desenvolvendo, nos reinventando e nos questionando todo tempo. O quanto uma tela entre nós pode ser suficiente e/ou por quanto tempo sustentaremos um encontro no qual alguns dos sentidos foram extirpados? Em nome do instinto de sobrevivência, aceitamos as novas exigências; uma catástrofe social mundial nos une num compasso de espera, e a vida vai tomando uma direção totalmente desconhecida por nós, que estamos interligados pelo medo, pela dor e pela esperança de uma vacina que nos imunize.

Sejamos indígenas em aldeias no Brasil, aborígenes da Austrália, nova-iorquinos, judeus, turcos, indianos, ou melhor, de todas as nacionalidades, realidades sociais e religiões, neste momento, mesmo que em condições diferentes, lutamos pelo mesmo objetivo: a vida de cada um de nós e de toda humanidade. De um lado, nova-iorquinos vivendo em suas coberturas de Manhattan; de outro, sírios habitando campos de refugiados no Líbano configuram, como exemplo, a diversidade do contexto social do momento.

Evidentemente, cada povo e individuo terá acesso singular ao mundo virtual que se apresenta. Na clínica infantojuvenil, fomos empurrados a conhecer outras expressões de linguagem que o real impôs. Nesse sentido, os jogos *on-line* foram uma das ferramentas inclusas como um novo instrumento de trabalho; ou seja, o campo analítico modificou-se como reflexo e consequência do ambiente atual, exigindo, assim, uma reciclagem imediata.

Após um ano dessa experiência, ousamos perguntar-nos: o virtual pode dar conta ou tem seus limites? O quanto o olhar do analista pode ser sentido e experienciado através da tela de um celular ou computador? Algumas evidências clínicas nos mostraram que os limites sempre existirão e precisam ser pensados por nós todo tempo. Acreditamos que nossas crianças e adolescentes muito nos ensinaram sobre o virtual. Com humildade, aprendemos com eles, inclusive, que a corporeidade para esta fase do desenvolvimento é de extrema importância, assim como o são as múltiplas identificações com seus pares e grupos que foram, de alguma forma, congeladas pelas telas.

Nosso desejo como analistas é que esta esterilização necessária para o combate à pandemia não faça o mesmo com nossa crença no encontro, e que a criatividade seja uma saída de elaboração e simbolização desse trauma coletivo.

Voltamos à poesia, agora com uma autora que precisou lidar com o trauma individual e coletivo que viveu seu povo devido à perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa:

"As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevistas aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas.

Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou.

Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada."

(Clarice Lispector)

Um enactment entre asiáticos e europeus com o Bósforo no meio

Camila de Araújo Reinert
Psiquiatra, Membro do Instituto da SBPdePA

A frase que dá início à palestra é a mesma que Dante encontra junto à Virgílio na entrada do Inferno (Canto III, A Divina Comédia):

"Lasciate ogni speranza o voi che entrate."

"Deixai toda esperança, vós que entrais." (português)

"Eseîar opá pe îerobîasaba, oîkéba'e gûé." (tupi)[1]

Após adentrar no prédio do século XVII através de um pequeno mercado no bairro de Galata, a representante turca dos candidatos me acompanha pela escada até o segundo andar. À minha direita, uma pequena livraria – a sociedade psicanalítica de Istambul tem sua própria editora de livros de sociologia, filosofia e psicanálise.

Entro no salão de eventos. O convidado francês Patrick Miller está sozinho em uma mesa à direita, enquanto Nergis Güleç, a elegante presidente da IPD, está sentada à esquerda (ela usa um clássico terno laranja – mas está de tênis). Miller estranha a disposição das mesas: "Um *enactment* entre asiáticos e europeus com o Bósforo no meio".

Bion descreve, em seu texto de 1977, que há dificuldades análogas àquelas associadas com a cesura do nascimento: "algo semelhante parece existir entre o habitante, digamos, do Oriente e o do Ocidente. Algumas dessas similaridades/diferenças são espetaculares, particularmente através do tempo".[2]

Patrick Miller segue com suas provocações: "A psicanálise é para os infelizes que são em menor número e mais sortudos do que os felizes. Incesto, complexo de édipo, inveja e a ausência de gratidão. *Nós n*unca estamos preparados para o que está por vir." A experiência de sermos analisandos/analistas é uma experiência traumática, diz Patrick, citando as conferências de Bion na Tavistock. Acredita que mergulhados na experiência de uma sessão analítica, analisando e analista podem aproximar-se do que Freud chama de "processos primários". Uma distinção clara entre corpo e mente tende a se tornar turva, enquanto os egos corporais de ambos os protagonistas estão mais efetivamente presentes um ao outro. Para o francês, existe uma linha fina entre o *acting out* e o *working through*: a dimensão ética das nossas decisões. Pontua que o ponto de virada do tratamento seria a penetrabilidade do analista/objeto possibilitando que todo seu aparelho psíquico seja utilizado pelo paciente[3].

Nos comentários, o candidato turco trouxe o mito de Kali, uma deusa hindu que na mitologia é muito associada à morte, à sexualidade e à violência. E, paradoxalmente, também ao amor materno. A convalescência entre ternura e crueldade.

Fiquei impactada ao ver um mito hindu ser trazido no lugar dos mitos greco-romanos, aos quais estamos tão acostumados a discutir nos eventos psicanalíticos. Questiono-me: onde estão os nossos mitos? Por que na minha (ou quem sabe na nossa) psicanálise, que busca cada vez mais ser descolonizada dos europeus, não os trazemos para dentro do nosso simbólico e do nosso referencial teórico – o panteão indígena tupi-guarani e os orixás africanos?

Durante a discussão envolvendo canções de ninar e morte, Mengele e palavras carinhosas hebraicas, soa ao fundo o azan. O azan (do árabe أَذَان) é a chamada para o salat (oração), a partir dos minaretes das mesquitas para as cinco preces diárias voltados para Meca. A reza dos muçulmanos envolve:

- o espírito;
- a mente (na recitação em árabe de versículos do Alcorão);
- mas também o físico (num ciclo de posições – em pé, curvado, de joelhos, prostrado e sentado – a que se chama de rakca ou genuflexão).

Não sou religiosa, mas esses chamados diários me impactavam de uma maneira difícil de descrever. Quem sabe um chamado para prestar atenção à passagem do dia? Achar no corpo/soma/psiquismo uma desaceleração? Escapar por um momento da escravidão do tempo, de sermos colonizados pela pressa. Ouvir o silêncio abre espaço para a consciência, para a reflexão. Seria esse o tempo de Aion? O espaço onde se dá o pensamento, a arte, o amor e a poesia.

Um poema de Rumi, poeta persa do século XIII, impactou-me durante a viagem:

"Há uma força vital dentro da sua alma, busque essa vida.
Há uma gema na montanha do seu corpo, busque essa mina.
Ó viajante, se você está em busca Disso.
Não olhe para fora, olhe para dentro de si e busque Isso."

Às vezes, nós experienciamos o presente como se estivéssemos relembrando o passado. No final da palestra, percebo que estive a vivenciar uma experiência estética única, uma abertura, uma coleção de memórias entre a arte e a vida. Uma oportunidade de ampliação, de desvelamento e de expansão da subjetividade. O prédio histórico com vendedores de tapete no andar debaixo, estar presente no primeiro encontro presencial desses psicanalistas após a covid, a intensidade das palavras escolhidas pelo palestrante, ser a única estrangeira na plateia, estar sentada em um evento psicanalítico ao lado de muçulmanas usando véus, ver representada no palco a cesura entre oriente e ocidente.

Ser oficial e romper com o estabelecido ao mesmo tempo. Um pouco de Édipo e Narciso, um pouco de Rumi e Kali. Um pouco dentro e um pouco fora das instituições.

Tessekürler (obrigada).

Referências

1. Abanhe'enga. Blog. Disponível em: http://abanheenga.blogspot.com/2013/07/a-inscricao--da-porta-do-inferno-dante.html

2. Bion (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, 123-136. (Trabalho original publicado em 1977).

3. Miller, P. (2014). *Driving Soma*: A Transformational Process in the Analytic Encounter. Routledge. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429474019>.

A formação de um psicanalista: (entre) tempos, entre-tantos e entre si mesmo

Morgana Mengue Saft Tarragó
Psicanalista, Membro do Instituto da SBPdePA

"A expressão adequada do amor pelo analista é a compreensão." (SEGAL, H., 1975, p. 115).

Desde que o pensamento psicanalítico me instiga com questões acerca da escuta, do lugar do analista e de seus aspectos de neutralidade e abstinência, busco um lugar e uma via pela qual o analista possa, legitimamente, expressar o amor – pela psicanálise e seus derivados – sem que isso atrapalhe o processo do analisando. Freud afirma que "o trabalho de análise [...] envolve duas pessoas, a cada uma das quais é atribuída uma tarefa distinta".

Uma das tarefas do analista é a de completar o que foi esquecido. Interpretar é outra das funções. Retomando o que nos alerta Freud em *Construções em Análise* (1937), o sentido do que propôs Segal (1975) pode ressoar de várias formas: como uma expressão posta em palavras da própria experiência de análise, como um espaço inaugural na escuta que abre caminhos para que se instaure processos analíticos francos contidos pelo *setting* e pelo analista que assim se forma, mais disponível para sentir o que for, escutar o que e como pode ser dito. A franqueza tem relação com a possibilidade, enriquecida, para deixar-se em atenção flutuante, ao mesmo tempo em que reconhece o analista que pode se tornar, tomando a associação livre como o que há de mais precioso.

O efeito da leitura de Segal (1975) foi o de ocupação fértil e singular de um território psíquico e fez germinar algo que talvez estivesse latente, receoso por nascer. Florescer requer movimento ao mesmo tempo em que o produz. Assim como o efeito da interpretação, eventualmente, o encontro com a teoria pode produzir, no analista, o despertar de um trânsito de afeto que passa a pôr luz não mais sobre se ele é válido ou não, mas sobre como é interessante que ele transite, única e exclusivamente, no encontro com os analisandos. Depararmo-nos com o amor em nossas salas de análise exige e requer muito mais trabalho se comparado à hostilidade, fruto do ódio.

Se tomamos o ódio como força disruptiva, nosso empenho é para fazer ligar psiquicamente o

que insiste em destruir. O amor, como o oposto do primeiro, é composto por aspectos de ligação. Ainda que seja uma apresentação à (pulsão) de vida, é imprescindível que o analista não exceda seu lugar, para que nasça a transferência e que reconheça, ao mesmo tempo, as condições de trânsito em seu próprio psiquismo. Propiciar avanços, mesmo que seja recuando quando o analisando precisar, pode ser compatível a contar com o amar.

Tomamos o texto *Gradiva* (1925 [1924]) como um escrito freudiano, no qual esse afeto é trazido como um dos dispositivos de cura. Todavia, o amor carrega algo de expectativa, também de uma solicitação de reciprocidade. Amar alcança o objeto, mas também o exige. Assim, apostar que amor possa curar, sem nos debruçarmos sobre o amor, o amar e as suas múltiplas expressões na relação analítica, pode nos levar a destinos perigosos. Entendo que o objetivo último de um processo analítico é que o analisando possa, por si mesmo, encontrar seus próprios caminhos e solucionar seus conflitos, lidar com a finitude, amparar-se na própria solidão, construir autonomia e independência sem que isso signifique dispensar o objeto. Se Freud argumenta em defesa do amor como um recurso para a cura, isso não quer dizer que o "amor analítico" comporte qualquer expressão dele; por isso, Segal foi magistral!

Examinar a qualidade dos efeitos nascidos dos encontros, que ora é com o tempo, ora com outros, ora consigo mesmo, pode produzir como efeito, em um analista em formação, a possibilidade de ampliação do espaço que leva tanto ao vazio, sem desamparo, quanto à inclusão de novas perspectivas. Dito de outra forma: oferecer um espaço para que a análise aconteça, viver a transferência na sua mais maciça realidade psíquica, usar a contratransferência como recurso analítico. E escutar!

O processo analítico se dá comparado a uma crença, em que o investimento é feito pelo par. Se é baseado na crença é porque nada garante, a não ser a capacidade de apostar que vale a pena investir, já que nenhum estado é permanente. Esse "primeiro lance" equivaleria à força pulsional transformada em investimento na relação transferencial e no amparo que o setting garante. Se "o correr da vida embrulha [...] e o que ela quer de nós é coragem" (ROSA, 1958, p. 336), que possamos insistir.

Nem sempre o analisando sabe o que está falando, daí a exclusividade do que se passa em uma sessão analítica e do que há de essencial nela: "suscitar a escuta do analista como efeito do desejo do paciente de ser ouvido" (GREEN, 1982, p. 176). Não existe analista sem a presença de um analisando, e o que acontece entre ambos, no encontro analítico, muda destinos.

Se tomarmos o amor como força de ligação, como expressão do que há de mais vivaz no sujeito, com expressão da pulsão que tende a unir, enriquecer, a complexizar, a capacidade de amar é uma aquisição bem-vinda. Para aprender, é preciso amar – a curiosidade, as descobertas, as surpresas, a tolerância às dúvidas, as incertezas, o desconhecido e finalmente, a finitude. Para tolerar a finitude, é preciso de amor e de amar. Substantivo e verbo.

O intervalo de tempo entre um fato e outro pode ser cronologicamente pequeno, ainda assim, eventualmente, cabe uma vida pela intensidade transformadora das vivências que se pode desfrutar entre-tantos e que, entre outras coisas, dá uma nova dimensão acerca da transitoriedade das coisas vivas e da finitude das pessoas amadas. Entre o que nasce, o que renasce e o que morre para sempre, algo novo insiste em se fazer presente na escuta, dando um novo ritmo: nem urgência, nem deixar para depois. Possibilita calma e espera. A calma acalma, acalenta, sabe esperar e também convida. É o intercalado de silêncio e som que faz ritmo, mas não é todo ouvido que sabe escutar.

Quem sabe, além do tripé: análise pessoal, estudo teórico e supervisão, a vida, a nossa própria, nos enriquece como psicanalistas. As experiências de vida que, de fato, nos atravessam, nos passam "por entre", mudam a nossa escuta, fazem os conceitos ganharem vida dentro de nós e, desde lá, podem servir como amplificadores para o que estava inaudível, também como podem silenciar o que não cessava de retumbar, quando já poderia ter sido sepultado. Acredito ser imprescindível que o analista tenha vivido as suas próprias experiências, em-si-mesmo. Na tarefa de psicanalisar, nos auxilia lembrar Rivière (1960, p.13): "ter consolidado dentro de si mesmo um conjunto de experiências, de conhecimentos e de compromissos com estes conhecimentos e experiências".

"O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia". Se me socorro em Guimarães Rosa (1958, p. 68), este sábio conhecer das travessias do sertão que também nos habita, é porque o escritor, ao se antecipar ao psicanalista, abre caminhos. E, nós, psicanalistas, quem sabe, como instrumento, somos um pouco a tinta na caneta.

Referências

FREUD, S. (1996b). Tratamento psíquico (ou anímico). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 269-288). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905 [1890]).

FREUD, S. (1996c). Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen. In: *Edição standard brasileira das*

obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 19-88). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1907 [1906]).

FREUD, S. (1996d). Construções em análise. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 275-287). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).

GREEN, A. (1982). *O discurso vivo*: uma teoria psicanalítica do afeto. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

LIBERMAN, D. (1982). *Psicopatologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

ROSA, J. (1958). *Grande Sertão*: Veredas. São Paulo: Companhia das Letras.

SEGAL, H. (1975). *A obra de Hannah Segal*: Uma abordagem kleiniana à prática clínica. Rio de Janeiro: Imago.

Vir ao caso

Celso Gutfreind
Psicanalista e escritor, autor de O Terapeuta e o Lobo (Artmed), entre outros. Membro Titular em Função Didática pela SBPdePA

A Mia é uma criança que, hoje, tem 4 anos. Em 5 de outubro, ela terá 5, mas não vem ao caso. Ela nasceu no Hospital Britânico em Montevideo, e isso vem ao caso, porque a cidade é linda, como parece lindo o lugar em que nascemos. Descrita como alegre e carismática, Mia sonha ser tudo, de cantora a dentista, com o apoio da família, e essa me parece a parte mais bonita desse caso. E de todos os outros, e há outros: a Escola Criança Arteira criou o Projeto *Super Autor*, e a professora Cláudia estimula as crianças a contarem e ilustrarem as histórias que quiserem. Depois, publicam numa edição simpática e de capa dura, no melhor dos sentidos.

A história que a Mia contou se chama *O dinossauro que a mamãe molhou a cabeça*, e relata o caso incrível de um dinossauro bebê que estava triste. Ele foi visto por um vampiro capaz de reconhecer a sua tristeza. Ela vinha de a mãe ter jogado água na sua cabeça. O vampiro, no caso, dedicou-se à mãe do dinossauro e a levou para uma lava vulcânica, porque ela estava com medo. O caso não parou por aí, porque, lá na lava, uma aranha pulou na cabeça da mãe, que saiu correndo e encontrou um urso. O urso retirou a aranha, salvou a mamãe, e a levou para a sua casa, onde ela falou que não ia mais molhar a cabeça do bebê. Ele, é claro, ficou contente, neste caso de final feliz, como costumam ser as histórias para crianças pequenas e de todas as idades.

Histórias também costumam ser abertas e nos levarem aonde queremos. Ou, no caso, aonde precisamos. Essa, por exemplo, me levou até o Ferenczi, quando ele nos contou o mito do quanto são sábias as crianças como a Mia. Do Ferenczi, viajei ao caso de todos os psicanalistas da infância, incluindo os de bebês, desde sempre, ou pelo menos desde Winnicott, ao contar que o verdadeiro rei de qualquer caso é o ambiente. Se não pudermos, portanto, cuidar dos dinossauros adultos, não poderemos cuidar dos seus bebês. E eles, como vemos, sabem disso.

Sei também que a Mia é bisneta de um habitué de nossas vidas, o Gley Costa. Mas aí já entramos no campo do transgeracional, e não vem ao caso. Ou, pelo contrário, é o que mais vem.

Notícias

SBPdePA 2022/2

INGRESSOS E MUDANÇAS

- **Membro do Instituto a Membro associado**
  Fábio Martins Pereira
- **Ingressos no Instituto**
  Fernando Vecchio, Larissa Biessek Sberse e Melina Canterji Timmers

SBP de PA

Sociedade BRASILEIRA de Psicanálise de Porto Alegre